

## Pandemia, isolamento social e colapso global

**RENATO NUNES BITTENCOURT\***

### Resumo:

O artigo analisa as reconfigurações sociais impostas pela necessidade de isolamento social decorrentes da pandemia do COVID-19, assim como as imperiosas necessidades de participação efetiva do Estado na salvação da sociedade para que as carências materiais oriundas dessa crise global sejam razoavelmente atenuadas em prol do bem da humanidade. Some-se ainda críticas aos segmentos políticos obscurantistas e anticientíficos mancomunados com discursos fascistas que tanto ameaçam a consecução das políticas públicas convenientes para a efetivação do papel interventor do Estado na ordem econômica.

**Palavras-Chave:** Pandemia; Isolamento Social; Economia; Estado.

**Pandemic, social isolation and global collapse**

### Abstract:

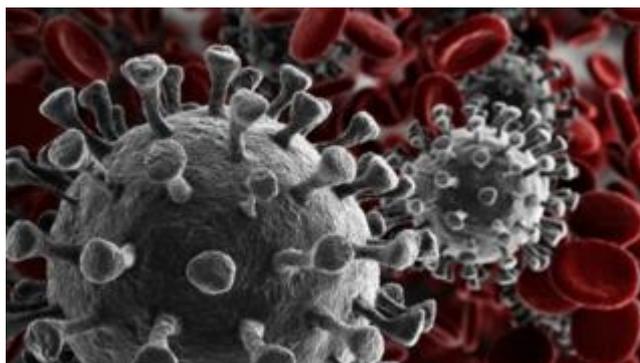
This article analyzes the social reconfiguraton imposed by the need of social isolation due to the COVID-19 pandemic, as well as the imperative needs of the State's effective participation in saving society from material shortages originated by this global crisis so it is reasonably decreased for humanity's benefit. Furthermore, it adds criticisms to obscurantist and tricky anti-scientific political segments, permeated by fascist speeches that threaten the achievement of the public policies that would be convenient for the effectiveness of a maximum State in the economic order.

**Key words:** Pandemic; Social Isolation; Economy; State.



\* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ; Coordenador do Curso de Administração da FACC-UFRJ.

*Quando o conhecimento se transformar em poderoso instrumento do progresso humano, ele se converterá em preocupação dos homens e mulheres em todos os domínios da vida. Retirando suas energias dos incomensuráveis recursos dos povos livres, ele não só vencerá irrevogavelmente a fome, a doença e o obscurantismo, mas no próprio processo de seu avanço vitorioso recriará a estrutura intelectual e psíquica do homem (BARAN, 1984, p. 258).*



### **Introdução**

Apesar dos diversos avanços científicos e tecnológicos, apesar das maiores facilidades para a difusão do conhecimento em uma configuração mundial globalizada, encontramos ainda diversas figuras políticas, celebridades ignominiosas ou grupelhos ideológicos que navegam na contramão da racionalidade e do esclarecimento social. São elementos intelectualmente degenerados que fabulam teorias conspiratórias e visões de mundo contrárias ao sadio bom senso. Esses vermes humanos odeiam a ciência, a razão e o conhecimento, e assim pretendem confundir a sociedade com suas sandices criminosas. Essa chusma de imbecis nega o aquecimento global, acredita que a Terra é plana, difama a eficácia das vacinas para o controle epidemiológico. Esses indigentes morais apresentam uma compreensão da realidade niilista e obscurantista, não obstante muitas vezes se envolverem no manto sagrado da religião e do

moralismo seletivo dos bons costumes. Com efeito, preferem confiar em sua fé cega desprovida de boas obras. São idiotas felizes que estão plenamente satisfeitos com sua ignorância petrificada, mas que se ressentem quando são confrontados por mentalidades esclarecidas que se pautam em fatos e evidências. Essa súcia virulenta não aceita o contraditório ou a verdade que não ratifica suas próprias opiniões estapafúrdias. A eclosão de uma pandemia é o cenário perfeito para que toda sorte de discursos delirantes ocupem o imaginário das massas alienadas e ignorantes, manipuladas por deformadores de opinião que pretendem assim gerar o caos cognitivo na sociedade.

Não sou epidemiologista para analisar a pandemia conforme os rigorosos critérios científicos exigidos para a análise técnica de tal questão. Minhas palavras pretendem apenas contribuir para uma problematização que envolve

eixos epistemológicos, sociais, políticos, econômicos e gerenciais dessa grande ameaça para a humanidade. A pandemia da COVID-19 é mais um evento dizimador que exige a problematização de nossa configuração hegemônica de Estado sob a égide do desajuste ultraliberal e da predominância dos interesses corporativos em relação aos sociais. Uma pandemia não é apenas um problema médico, mas também político.

### **Antropologia do isolamento social**

Como infelizmente ocorre em todos os casos pandêmicos, determinados povos sempre se tornam o bode expiatório dessas situações terríveis. O COVID-19 apresentou as suas primeiras incidências na China, e logo iniciaram-se uma série de discursos xenofóbicos contra o seu povo, imputado como culpado por esse novo mal global. Nesse momento de ódio étnico, qualquer ato é utilizado para justificar as mais vis imprecações. No caso chinês, os pretensos hábitos alimentares da população, em especial o consumo de uma mítica sopa de morcego. Como em um mundo globalizado é muito difícil que a ameaça viral fique restrita em um só país, em pouco tempo a situação do COVID-19 se tornou pandêmica, ocasionando grande letalidade em países que demoraram a adotar medidas sanitárias restritivas, infelizmente inevitáveis nesse tipo de calamidade social.

Toda pandemia coloca em xeque os limites do cosmopolitismo. Fronteiras nacionais fechadas, restrições de voos nos aeroportos, rigoroso controle de entrada e de saída em cada país. As ameaças de contaminação despertam disposições pánicas entre nações vizinhas. Vemos uma série de medidas de exceção adotadas para a contenção

do COVID-19. Países que, por irresponsabilidade governamental e motivos antissociais, demoraram a realizar medidas de controle epidêmico sofrem as consequências dessa hesitação capital. Apesar de afetar com mais violência os idosos e pessoas com doenças respiratórias preexistentes, ninguém está a salvo desse vírus.

Além das medidas profiláticas e dos procedimentos técnicos adequados para a contenção da virulência na estrutura social, a grande medida a ser adotada ao longo de uma pandemia é a manutenção da serenidade. Discursos ideológicos, preconceitos xenofóbicos e teorias fabulosas apenas confundem as cabeças das pessoas mais suscetíveis e prejudicam os esforços técnicos para a realização dos devidos cuidados sanitários. Contudo, não podemos também manter uma postura seráfica e acreditar que tudo vai bem no meio do caos e que não seremos afetados, transferindo apenas para outrem os riscos de contágio. Por isso desde o início da conflagração de uma medida de isolamento social precisamos já adotar as prescrições técnicas convenientes em caráter de urgência e apenas se fiar nas autoridades médicas/científicas, menosprezando animais políticos descompromissados com o bem comum, empresários que visam apenas a manutenção dos seus lucros, os sensacionalismos midiáticos, os formadores de opinião irresponsáveis e certos tipos de lideranças religiosas que lucram com as convulsões sociais.

Nos esforçamos sobremaneira para evitarmos a temida contaminação e nos submetemos forçosamente ao isolamento social, limpamos sofregamente as mãos com álcool em gel (alardeada como a grande arma salvífica contra a COVID-19),

estocamos alimentos, planejamos atividades lúdicas para tornar a monotonia desse longo tempo na clausura doméstica uma experiência mais suportável possível. Na expansão da pandemia, evitar aglomerações, encontros coletivos, não é uma recusa ao social, pelo contrário, é uma consciente afirmação da prevalência da sociedade sobre nossa mera individualidade. Na pandemia, permanecer em casa é um ato político. Aproveitamos essa larga quantidade de dias e noites para colocar em ordem os afazeres da casa, fortalecer (ou não) os laços familiares, aprofundar os estudos, iniciar novas leituras, ouvir música, assistir filmes, em suma, diversas atividades que agradam ao ânimo e melhoram nossa qualidade de vida em uma necessária reclusão. As exigências sanitárias de quarentena são obviamente desagradáveis para nossas inclinações pessoais. Festas são canceladas, eventos esportivos adiados, saídas sociais impedidas, em suma, a vida prosaica é suspensa até segunda ordem. Ações paranoicas são bastante comuns nas pandemias. Não apenas o uso contínuo da máscara se torna uma condição indispensável para a aceitabilidade pessoal diante do pavor da contaminação, mas todo tipo de cuidado para que fluidos corporais não atinjam outrem. Nessas condições terríficas, uma tosse insistente ou um espirro descuidado podem se tornar atos terroristas, para maior miséria dos hipocondríacos. As medidas de segurança sanitária são cruciais sempre, mas precisamos apenas atentar para não vermos o outro como um inimigo biológico.

O isolamento social é incômodo, e exige paciência de toda pessoa que se encontra nessa situação de contenção

humana no perímetro domiciliar. São usuais situações de ansiedade, estresse, angústia. Para vencer essas adversidades existenciais pode-se recorrer aos passatempos, exercícios físicos, leituras, filmes, meditações, orações, práticas amorosas, manutenção da casa. Vale sempre destacar que o isolamento social não é uma experiência antropológica-midiática tal como um reality show na qual vendemos uma imagem espetacular para os espectadores. Tampouco é um spa no qual relaxamos, somos massageados e desintoxicamos o organismo mediante mudanças saudáveis de hábitos, ainda que possamos fazer dessa experiência de isolamento social um meio positivo para transformar nosso modo de vida. Beijos, abraços e apertos de mão se tornam inimigos da higiene social. Pessoas mais efusivas e calorosas sofrem com o isolamento social e anseiam por encontros sem mais tardar. Essa experiência traumática nos faz pensar na metáfora do porco-espinho. Se ficarmos demasiadamente próximos uns dos outros, nos incomodamos; se nos mantermos afastados, sentimos solidão. O meio-termo está na distância equilibrada. Talvez nesses tempos de quarentena seja esse o meio-termo tão almejado. Contudo, ansiamos para que possamos voltar ao jogo de aproximação e de distância que só a sociabilidade normal proporciona e festejarmos a vida em comum com todas as suas contradições. Já para pessoas imbuídas de espírito monástico ou misantropos, a reclusão forçada pelos imperativos do isolamento social talvez seja vivenciada de maneira mais suave, talvez até mesmo interpretada, *horribile dictu*, como uma dádiva da natureza.

Para muitos pais de família, permanecer com seus filhos aquartelados em casa por muitos dias seguidos é uma experiência exaustiva, pois estão acostumados ao ritmo acelerado da vida urbana que mais afasta do que une as pessoas e que torna a convivência efetiva bastante reduzida. Pais workaholics e filhos hiperativos que realizam diversas práticas salutaras como futebol, natação, balé ou curso de língua suspendem suas atividades externas e assim modificam seus hábitos familiares.

### **Os riscos sociais da pandemia**

A pandemia sempre afeta violentamente favelados e pessoas em situação de rua. Não podemos desviar a consciência para o fato de que incontáveis seres humanos se encontram em condições extremamente insalubres que tornam praticamente impossível para elas realizar os cuidados sanitários fundamentais. Pessoas sem saneamento básico decente, pessoas que dormem ao relento, pessoas socialmente desassistidas, são como bucha de canhão nos surtos pandêmicos. O vírus, expressão de uma microscópica força incontrolável da natureza, não segue ideologias, mas seus impactos maléficos são potencializados pela própria ideologia da sociedade capitalista, excludente, seletiva e asséptica. Somente os bem-logrados socialmente encontram mais chances de resistência aos efeitos devastadores do COVID-19, como também de qualquer epidemia voraz. Pela necessidade de distanciamento físico interpessoal no período de quarentena recomendada pela epidemiologia, não convém que acolhamos em casa pessoas desconhecidas. Não se trata de uma política reativa, avessa ao outro, mas o cumprimento de uma medida sanitária

fundamental. Contudo, a miserabilidade das pessoas que sofrem de carências materiais básicas jamais pode passar despercebida, seja pelos poderes públicos, seja por nós mesmos. Como qualquer pessoa mentalmente saudável visa sobreviver aos impactos de uma pandemia e sabe que o seu bem individual também depende da satisfação do bem alheio, a desassistência ao desconhecido é prejuízo social para todos, pois o risco de derrota na imunização coletiva torna-se altamente provável em tais circunstâncias.

Caberia ao Estado o papel de fornecer assistência social plena para livrar as pessoas carentes da tragédia pandêmica. Todavia, como nossa máquina pública está subjugada pelo vírus privatista, as intervenções sempre são esqueléticas e não resolvem a raiz do problema crônico de nossa miserabilidade social. Quando a gestão plutocrática da coisa pública não realiza o seu ofício, atores sociais solidários mitigam as carências sanitárias. Alguns clubes esportivos, em procedimento louvável, cedem os seus espaços para a alocação de leitos que acolherão pessoas infectadas. Porém, há ainda instituições que poderiam ceder suas estruturas para a construção de hospitais provisórios, acampamentos para os sem-teto ou para pessoas que habitam casas insalubres: as igrejas. Não faz sentido que os templos cristãos, cuja razão de ser reside no acolhimento litúrgico dos fiéis, fique com suas portas fechadas diante do sofrimento cotidiano vivenciado pelos pobres, risco social potencializado pela violência da pandemia. As grandes cidades estão repletas de igrejas que poderiam acolher em conformidade às normas assépticas de segurança todas as pessoas que sofrem de carência domiciliar. Em

tempos de indignância social e de risco viral, a prioridade é a acolhida ao pobre, depois a realização da missa ou do culto: “Quando um homem entrega um pedaço de pão a um outro homem, se o dom por bem dado e bem recebido, isso se assemelha a uma verdadeira comunhão” (WEIL, 2019, p. 103).

A solidariedade cristã exige que essas pessoas sejam tratadas dignamente, recebam remédios, roupas, alimentação, afeto (ainda que à distância). Se o comércio está de portas fechadas, não faz sentido que igrejas de segmentos cristãos teologicamente duvidosos estejam abertas para cultos. A fé verdadeira não se realiza na frequência física ao templo. Talvez alguns pastores-ladões queiram vender produtos abençoados como remédios para a cura da pandemia, assim como não querem renunciar aos seus lucros provenientes dos dízimos dos fiéis.

A longa permanência domiciliar pela inerente falta de circulação social talvez reconfigure nossos hábitos de consumo, tornando-nos mais sustentáveis, mais frugais, mais responsáveis com o uso de recursos, evitando-se desperdício de alimentos e reaproveitando-os de forma criativa. Habilidades gastronômicas são despertadas nesses tempos de falta de recursos e crise de abastecimento. Não estamos (talvez) em uma economia de tempos de guerra, mas o momento exige medidas práticas similares. É infantilidade a pretensão de se manter um padrão de consumo e de bem-estar material em um período de crise pandêmica, no qual certos produtos rareiam das prateleiras dos mercados. Essas conjunturas sociais calamitosas promovem, forçosamente, a proposta de um decrescimento sereno e o repensar de nosso modelo social produtivista que compreende a vida como um longo

processo consumista mediante a obsolescência programada dos bens materiais. Para Elisabeth C. Odum e Howard T. Odum,

As pessoas que foram educadas com ênfase nos direitos individuais podem ter um ponto cego na sua visão de mundo, e não são capazes de perceber que os desperdícios de um indivíduo causam danos aos demais (ODUM & ODUM, 2012, p. 265).

O desenvolvimento social, apesar de nunca ser plenamente sustentável, é ponto inquestionável para uma política pública comprometida com boa ordenação democrática da vida. Saneamento básico, acesso aos recursos tecnológicos, afluência alimentícia e a prestação de serviços públicos jamais podem ser relativizados. Cabe apenas que evitemos o desperdício das coisas disponíveis.

Uma situação pandêmica torna o anseio narcísico pela individualidade uma violação do interesse comum. A pretensão de se manter a vida descompromissada com o tecido social é um delito. A calamidade pública exige que o direito de ir e vir seja relativizado. Diversos procedimentos de controle operacionalizados pelo poder público se tornam inevitáveis para evitar a anomia de pessoas e grupos que pouco se importam com as restrições sociais concernentes ao processo de isolamento social, e uma boa racionalização dessas medidas atenua o mal-estar moral desse monitoramento sanitário. Não precisamos abater pessoas que dão escapadelas de casa apesar das prescrições oficiais. Saídas restritas para se fazer compras no mercado ou na farmácia se tornam eventos sensacionais. É inegável também que uma pandemia fortalece ainda mais as

medidas de fiscalização dos corpos, aferição de temperatura corporal em aeroportos, formação de cordões sanitários e outros procedimentos afins. A assepsia individual mais do que nunca é um imperativo ético. O sabão é o instrumento da salvação pessoal. Corpo limpo, sociedade limpa. Os paradigmas da sociedade disciplinar/sociedade de controle são atualizados em nossa era ultratecnocrática. O controle da vida humana não é mais sobre a subjetividade, a interioridade da alma, mas sobre a superfície do corpo, que apresenta seus perigos e fatores contingentes que sempre se revelam ameaçadores para a ordem pública. Nasce assim uma ontologia da epiderme.

As imperiosas necessidades impostas pelo enfrentamento epidemiológico para que possamos neutralizar os efeitos do COVID-19 e reduzir ao máximo as perdas humanas solapam o clássico discurso neoliberal de que não existe sociedade, apenas indivíduos Independentemente das motivações éticas que se encontram por trás da cooperação e da solidariedade interpessoal na grande crise pandêmica que exigem de cada indivíduo uma parcela de sacrifício de sua liberdade social de ir e vir em prol do bem comum, esse grande esforço coletivo representa a superação de toda forma de inclinação autocentrada, idiota, egoísta. O fim da vida humana não é sua mera sobrevivência pessoal, mas o desenvolvimento de redes de cooperação em nome da promoção do bem-estar social.

### **A lógica de mercado contrária ao bem-social**

O grande idiota útil ao serviço dos imperativos do mercado não pensa na saúde da população, mas na rentabilidade dos negócios escusos dos plutocratas, alheios ao sofrimento social decorrente não apenas da necessidade sanitária de quarentena, mas também da perda da qualidade de vida. Para esses empresários rapinantes, a produção não pode parar e assim os trabalhadores devem candidamente se expor aos riscos da contaminação viral para que a riqueza não deixe de fluir para as contas bancárias das elites. Canalhas endinheirados que fogem dos riscos da pandemia encastelados em suas mansões hermeticamente protegidas, mas que percebem os seus empregados como animais que somente são valiosos quando estão ao seu serviço. Conforme argumenta Jung Mo Sung,

O rico que nunca teve contato direto com pobres não pode entender nem aceitar que é culpado pela pobreza. Pois ele se vê simplesmente como alguém que exerceu com eficiência o lugar e a função econômica que lhe cabia. O problema do capitalismo não é a má intenção ou a maldade do rico, mas do sistema como tal, que concentra riqueza e exclui os pobres pelo seu próprio funcionamento (SUNG, 2018, p. 227-228).

Com discursos análogos aos dos nazistas, esses empresários desdenham do risco de perecimento dos trabalhadores submetidos aos efeitos da contaminação viral, naturalizando possíveis mortes de milhares de pessoas como eventos inevitáveis, pois a produção precisa continuar, para maior satisfação dos rentistas e dos acionistas, os eleitos do paraíso selvagem do

capitalismo tardio. Trata-se de uma revitalização da eugenia social, pois as mortes de idosos atenuaria os rombos previdenciários e os trabalhadores mortos diminuem as filas de desemprego e a necessidade de suporte econômico do Estado. A proposta de suspensão dos contratos de trabalho, horrenda medida pró-mercado, representa a necrofilia extrema dessa elite mesquinha, que não se importaria em condenar uma grande massa humana à morte por inanição. Em um momento grave que existe paz e comunhão social, qualquer proposta política que cause temor em uma população já exaurida pela incerteza existencial merece inapelável e literal defenestração. Vincent de Gaulejac afirma que

Gerenciar o humano como um recurso, ao mesmo título que as matérias-primas, o capital, os instrumentos de produção ou ainda as tecnologias, é colocar o desenvolvimento da empresa como uma finalidade em si, independentemente do desenvolvimento da sociedade, e considerar que a instrumentalização dos humanos é um dado natural do sistema de produção (GAULEJAC, 2007, p. 80).

Para as classes capitalistas os trabalhadores são meros servos que devem enfrentar os riscos de contaminação para garantir os lucros das elites, protegidas de todos os males. Se for necessário que alguém morra, que seja o trabalhador, polivalente, precário, descartável, substituível, conforme o discurso empresarial do fascismo de mercado. O capitalismo, tal como se constata, jamais promoverá as condições sociais para o bem comum, e as lutas de classes se reconfiguram em nossa era de insegurança global. Conforme argumenta Samir Amin,

A teoria econômica é, mais do que nunca, um discurso ideológico (no sentido mais banalmente negativo do termo) destinado a fazer com que sejam aceitas as decisões dos únicos que decidem: os monopólios generalizados (AMIN, 2018, p. 167).

Os apólogos do economicismo ultraliberal relativizam as mortes dos trabalhadores em favor da manutenção produtivista do mercado, que não pode ser interrompido. Contudo, mais do que nunca é fato que o mundo não está em uma situação ótima, e assim urge que os interesses humanitários prevaleçam sobre a bolsa de valores e sobre os anseios empresariais. Permanecer em casa durante a crise pandêmica não é preguiça, tal como os facínoras fascistas apregoam. Atordoada pela perda de capitais, a direita xucra realiza carreatas para conclamar a população a desobedecer às determinações sanitárias de isolamento social e retornar aos postos de trabalho, com a justificativa de que só assim não haverá problema de carência de mercadorias. Conforme dito anteriormente, na vigência de uma pandemia o uso de recursos deve ser o mais racionalizado possível, e cabe ao poder público fornecer para os cidadãos os bens necessários para a subsistência. A sociedade inteligente deve deixar essa turba empresarial reclamando sozinho dos seus desgostos financeiros. A cupidez por lucro desse empresariado antissocial é a encarnação pura do viés ideológico, alheio aos critérios científicos seguidos pela OMS e pelas autoridades sanitárias locais. Esse egoísmo econômico é tão corrosivo que tais idiotas, desconhecedores do cotidiano da campanha epidemiológica no combate ao COVID-19, não sabem que os profissionais de saúde, em casos

extremos, precisam escolher qual vida será salva. Para Paul Farmer,

O simples fato de os pobres estarem muito mais vulneráveis à doença e terem negado o acesso à saúde faz com que eles estejam muito mais suscetíveis a serem vítimas dos abusos contra os direitos humanos, independentemente de como esses abusos são definidos. Incluir os direitos sociais e econômicos na luta pelos direitos humanos ajuda a proteger os mais suscetíveis a sofrerem os insultos da violência estrutural (FARMER, 2017, p. 258).

Primeiro a salvação da humanidade, depois a reconstrução econômica. De que adianta salvar a economia se houver pilhas e pilhas de mortos das mais diversas famílias? Por isso a atuação interventora do Estado na economia é essencial. A histeria mercadológica afirma que a baixa produção na vigência da pandemia gerará desemprego. Então cabe ao Estado usar suas reservas para manter a maior totalidade possível da população reclusa em casa, provendo-lhe salário compatível com suas demandas básicas para a boa conservação da vida. Não cabe qualquer preocupação com controle fiscal de gastos. Mesmo proeminentes economistas que sempre defenderam rigorosos ajustes fiscais afirmam que a ordem do dia da pandemia do COVID-19 é salvar a sociedade e que cabe ao Estado esse papel providencial mediante investimento de dinheiro público em todos os setores, ajudando a manter empresas, empregos e assistindo trabalhadores que permanecem corretamente em casa para evitar o risco de contágio. Mesmo o FMI, bastião das medidas de austeridade econômica, enfatiza a necessidade urgente de flexibilização das metas fiscais dos

governos para que investimentos maciços para o enfrentamento dos males pandêmicos sejam efetivados. Enquanto isso, tacanhos ministros ultraliberais defendem a privatização absoluta da coisa pública brasileira como panaceia para resolver todos os nossos problemas, discurso bastante conveniente para a força destrutiva de nosso fascismo de mercado, que apenas pretende ajudar plutocratas, banqueiros e investidores, em detrimento das massas humanas economicamente inviáveis.

Uma série de medidas rígidas devem ser adotadas pelo Estado para que a calamidade pública decorrente da pandemia seja atenuada. Acima de tudo a concessão estatal de renda básica para os cidadãos (trabalhadores formais ou informais) para que possam, no vigor da recessão, adquirir os itens necessários para subsistência. Dívidas bancárias dos cidadãos devem ser anistiadas (e não meramente postergadas). Urge a estatização de hospitais privados para o atendimento da grande massa humana contaminada. A provisão de alimentos e de medicamentos deve ficar sob controle dos órgãos estatais para se evitar problema de abastecimento, distribuição e abuso de preços. Impostos sobre bens de consumo devem ser zerados. Cabe também a comercialização a preço de custo dos remédios. Cestas básicas devem ser distribuídas para famílias de baixa renda. Consumo de água, luz e gás devem permanecer grátis por tempo indeterminado, havendo, em contrapartida, conscientização para uso racionalizado desses recursos. Uma alternativa viável para o fechamento provisório do comércio para que não ocorra maiores riscos de contaminação dos transeuntes e funcionários seria a

redução do seu horário de atendimento ao público. Afinal, mesmo no período de isolamento social ocorrem eventualidades que exigem rápidas saídas de casa para que as necessidades urgentes sejam supridas, medidas paliativas que manteriam em atividade parcial negócios bastante lucrativos e importantes para o desenvolvimento local da sociedade. Contudo, a palavra final deve sempre estar com as autoridades sanitárias, não com a casta política.

### **O descrédito irracionalista anti-humanista**

Para os fascistas, os obscurantistas, os fundamentalistas do mercado, os reacionários, evidências científicas são desprovidas de legitimidade. Somente as ideias doentias fabricadas por seus correligionários são autênticas. Dados técnicos e objetivos são nulos para essa chusma energúmena. A verdade se encontra na voz do seu líder mítico que os conduzirá como gado ao abismo. As opiniões insensatas de influenciadores digitais são mais valorizadas que as explanações dos médicos. Essa canalhada não hesita em propagar uma série de atrocidades nas redes sociais e nos aplicativos, apregoando que muitas outras doenças recentes motivaram mais mortes do que o COVID-19 e que os esforços epidemiológicos empregados no combate à pandemia são procedimentos históricos, demagógicos e eleitoreiros. O número de mortos em uma pandemia deve ser sempre lamentado, não importa a sua quantidade. Somente psicopatas necrófilos relativizam esses valores. O anti-humanismo presente nesse tipo de discurso mereceria, em uma situação política normal, interdição imediata. Essa irresponsabilidade criminosa da direita xucra é a culpada pela confusão

semântica que impede o esclarecimento sobre os cuidados sanitários para tratar a COVID-19. Indicação de remédios falsos, procedimentos epidemiológicos equivocados, corrida desenfreada aos produtos considerados eficazes para o tratamento dos sintomas, uma série de emissões horrendas que atrapalham as ações técnicas dos profissionais de saúde que se esforçam heroicamente para tratar dos pacientes da pandemia.

Para terminar essa seção, não podemos deixar de afirmar que um presidente delirante, mantenedor de relações promiscuas com milicianos, adorador de torturadores, é um desserviço para a razão política e para a coisa pública. Você pode ser de direita, esquerda, centro, liberal, conservador, menos ignorante. Vitória nas eleições não significa passe livre para uma gestão presidencial desastrosa. Quando um energúmeno “eleito democraticamente” (ainda que com a ajuda de difamações políticas e de mentiras absurdas, convenientemente escamoteadas pelo tribunal eleitoral) viola o senso republicano de condução do poder executivo, deve ser retirado do cargo. Trata-se do grande vírus político que mata diariamente a sociedade brasileira, para além de toda pandemia que nos aflige, que não é uma simples gripe, tal como o idiota com faixa presidencial propaga de maneira tão leviana. Para vencermos as agruras de uma pandemia, necessitamos de uma liderança comprometida com o bem-estar da sociedade e não de um presidente irresponsável que é um efetivo inimigo do gênero humano.

### **Considerações finais**

Vemos cada vez mais o embate entre a razão, o conhecimento e a ciência, de um lado, e de outro a ideologia ao serviço de interesses antissociais. Ao contrário de todo bom senso, orientações epidemiológicas e técnicas, vemos uma figura irracionalista, degenerada, niilista e autoritária defender a desinformação como política pública em nome da satisfação escusa de interesses alheios ao bem comum. É óbvio que o isolamento social é uma medida desagradável, mas eficaz para evitarmos maiores riscos da pandemia que afeta o mundo. Por isso tanto enfatizamos a formação de lideranças que conduzam as organizações do futuro comprometidas com a democracia econômica, a inclusão social, a diversidade, o empreendedorismo sustentável, o cuidado com o meio ambiente, a afirmação da dignidade da pessoa humana e a preservação incólume dos direitos trabalhistas. Quando ocorrem grandes crises globais que afetam a preservação da vida humana, percebemos a importância do investimento em pesquisas de ponta em saúde, educação, ciência, tecnologia, gestão pública, pois é o conhecimento o verdadeiro motor da transformação social, não preconceitos ideológicos

propagados por imbecis engravatados que prosperam politicamente através da decadência da vida humana em sociedade.

### **Referências**

AMIN, Samir. **A implosão do capitalismo contemporâneo: outono do capitalismo, primavera dos povos?** Trad. de Wanda Brant. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2018.

BARAN, Paul A. **A economia política do desenvolvimento.** Trad. de S. Ferreira da Cunha. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

FARMER, Paul. **Patologias do Poder: saúde, direitos humanos e a nova guerra contra os pobres.** Trad. de Alexandre Andrade Martins. São Paulo: Paulus, 2017.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social.** Trad. de Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.

ODUM, Elisabeth C. & ODUM, Howard T. **O declínio próspero: princípios e políticas.** Trad. de Enrique Ortega. Petrópolis: Vozes, 2012.

SUNG, Jung Mo. **Idolatria do dinheiro e direitos humanos: uma crítica teológica do novo mito do capitalismo.** São Paulo: Paulus, 2018.

WEIL, Simone. **Espera de Deus.** Trad. de Karin Andrea de Guise. Petrópolis: Vozes, 2019.

Recebido em 2020-03-27  
Publicado em 2020-03-28